

Resenha**Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**

(FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 112 p.)

Tarcineide Mesquita GALDINO¹

Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano é o primeiro dentre os quatro livros da série dedicada aos resultados da pesquisa *Narrativas do cotidiano: na mídia, na rua*, desenvolvida pelos pesquisadores do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG.

Sob a organização dos professores César Guimarães e Vera França, a obra lança o olhar e oferece o quadro teórico-conceitual sobre a estreita relação entre a mídia e a vida social. A primeira é encarada como um conjunto complexo de círculos concêntricos, que engloba desde as interações tendentes aos acontecimentos da vida social à particularidade da manifestação linguageira própria deste ou daquele meio, passando ainda pelo modo como os sujeitos interlocutores se encontram implicados nos discursos midiáticos.

Daí, temos a relevância da obra que entende a mídia como sendo mais do que um “repertório de narrativas ordenadas em seus diferentes gêneros e estratégias de produção de sentido” (p. 14). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano* nos apresenta outro caminho para se compreender a existência cotidiana. Este, não exige a nossa renúncia diante do que ela nos oferece, mas, ao contrário, reconsidera a necessidade de um retorno à existência e à linguagem de todo dia.

Logo na apresentação, feita por César Guimarães e intitulada *O ordinário e o extraordinário das narrativas*, tem-se a explicação da perspectiva adotada para a investigação da relação mídia e sociedade. Tal perspectiva, apoiada em base da sociologia fenomenológica, refere-se não a lógica da determinação, mas a da mobilidade.

Desse modo, o texto enfatiza que é de maneira crítica e sem se render a quaisquer determinismos que é possível descrever e compreender um mundo no qual as

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

manifestações dos discursos midiáticos “passaram a atravessar a textura geral da experiência” (p. 08).

O primeiro texto, *Saber das narrativas: narrar*, escrito por Bruno Leal, Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, dá uma atenção especial às narrativas, buscando encará-las como fenômenos complexos, legitimadores dos vínculos sociais e das experiências comunicacionais do dia-a-dia. Para tanto, ampara-se em Lyotard (O pós-moderno – 1993) que reconhece a importância dos “saberes narrativos” no cotidiano.

Sob essa ótica, a existência das narrativas se dá em pelo menos três dimensões: como metáfora (torna visível um conjunto de relações teoricamente elaboradas), como objeto (fenômeno social que inclui o pesquisador) e como procedimento analítico (categorias e pressupostos). É exatamente para a narrativa enquanto objeto de estudo que o autor propõe a elaboração de um “olhar narrativizante” por parte do pesquisador.

Assim, pensar o cotidiano e as mídias sob um “olhar narrativizante” sugere a “(re)constituição das narrativas, pelo trabalho do pesquisador, através dos falares sociais e dos seus fragmentos em circulação nas redes sociais” (p. 26).

Beatriz Bretas, no artigo *Interações cotidianas*, explica de modo didático a noção de cotidiano, situando sua dimensão ontológica e destacando-o como operador conceitual para a compreensão da vida comum. Visto como lugar da construção dos laços e da sociabilidade, o cotidiano é apresentado, em si, como uma maneira de experimentação do mundo.

Após percorrer a trajetória de significação do cotidiano, a também Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, destaca a ocorrência de um conhecimento implícito presente na vida ordinária e nas práticas que comporta. Reconhecendo-se o saber produzido nesta esfera, o texto indica a necessidade de empreender a construção de uma “epistemologia do cotidiano”, capaz de traduzir e dar visibilidade a saberes até então encobertos.

Como prova, a autora apresenta a procura por um método para a captura do cotidiano, passando pelo formismo de Maffesoli e pelo procedimento fenomenológico. Do mesmo modo, esclarece sobre a necessidade de apreender a vida cotidiana sobre o viés comunicacional que agenda rotinas e demarca lugares e acontecimentos.

No texto *Mídia: uma aro, uma halo e um elo*, os pesquisadores Elton Antunes e Paulo Bernardo Vaz partem da interseção entre a mídia e a vida social e estabelecem duas operações conceituais que explicitam como a pesquisa “Narrativas do cotidiano: na mídia, na rua” constrói a relação triangular entre as narrativas, a mídia e o cotidiano. Sob esse contexto, tal pesquisa reitera a importância de se ultrapassar uma abordagem “miacêntrica” da comunicação.

De início os autores realizam uma síntese e uma apuração crítica dos diversos sentidos atribuídos ao termo mídia, para, em seguida, de forma articulada, descreverem seus principais traços constitutivos enquanto dispositivo, a saber: 1) forma específica de manifestação dos discursos e textos; 2) processo de produção de significação; 3) maneira de modelar e ordenar os processos de interação; e 4) procedimento de transmissão e difusão de materiais significantes.

Porém, o texto distingue outras propriedades definidoras da mídia, estas com mais relevo: A) a mídia como agendamento e controle de interações; B) como lugar de experiências e C) seu caráter de transmissibilidade e reproduzibilidade.

Em *Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação*, Vera França preocupa-se em situar os protagonistas dos atos comunicativos da vida cotidiana. Desenvolvendo um amplo percurso teórico, a autora analisa as matizes que o conceito de sujeito adquiriu no escopo de algumas Teorias da Comunicação, em outros campos do conhecimento (Sociologia, Antropologia, Filosofia) e em disciplinas e abordagens particulares (Análise do Discurso, Estudos de Recepção, Etnometodologia).

Vera França redefine o sujeito da comunicação sob um viés relacional. O “sujeito em relação” é produzido na ação de afetar e ser afetado pelo outro através da mediação dos materiais significantes que o cercam e com os quais lida cotidianamente. Este sujeito “surge aberto ao acontecimento, ao imprevisível” (p. 85).

Por fim, os organizadores da obra, César Guimarães e Vera França, ambos Professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, reúnem-se no texto *Experimentando as narrativas do cotidiano*. Nele, os autores apresentam inicialmente algumas das principais indagações que nortearam o projeto de pesquisa *Narrativas do cotidiano*. Em seguida, realizam uma análise de dois tipos de

narrativas televisivas: o videoclipe *Traficando informação*, do rapper MV Bill e o *Hora da verdade*, programa de entrevistas conduzido por Márcia Goldsmith.

O motivo central deste texto gira em torno da seguinte questão: Como o cotidiano pode ser experimentado esteticamente? Os autores adotam justamente uma compreensão relacional da experiência estética que está na base de alguns fenômenos comunicativos, tal como efetivamente vivida pelos sujeitos, vinculada às formas da vida ordinária e confrontada às racionalidades não-estética.

O exemplo a que o texto se refere trata sobre quando os espectadores, em meio aos lugares e tempos próprios do cotidiano, experimentam narrativas provenientes de um videoclipe de rap ou dos relatos dos sujeitos dos programas de entrevistas que tem como ponto unificador a temática do homem ordinário, do cidadão comum, do tipo “popular” – através de suas representações, imagens, intervenções e leituras.

Enfim, *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano* é uma obra que reconhece as práticas comunicativas como um ângulo privilegiado para descrever a dinâmica de conservação e transformação que acontece no seio da vida social.

Contudo, entendemos que a maior contribuição científica deste volume é mostrar a necessidade de se compreender a existência cotidiana despindo-se de julgamentos (em nome do que deveria ser), buscando um método suficientemente aberto e flexível para descrever como as interações comunicativas cotidianas “situam os sujeitos no mundo, oferecendo-lhes laços de pertencimento e domínios de sociabilidade” (p. 13), como elencado já em sua apresentação.

O livro preconiza o retorno ao ordinário, à linguagem de todo dia, e não o abandono dele. Assim, a leitura de seus textos contribui decisivamente para uma reflexão crítica e consciente da relação entre a mídia e a sociedade, servindo aqueles investigam ou buscam ainda investigar tal universo.